

# Londres: Uma grande preocupação com nossa crise.

Os problemas específicos de política interna do Brasil já começaram a repercutir nos meios financeiros e diplomáticos de Londres — e isto na hora exata em que o Banco de Pagamentos Internacionais (Bank of International Settlements) comunicava que o País não tinha condições para cobrir débitos de governo a governo mas que, por enquanto, nada lhe seria cobrado.

Enquanto Shigiaki Ueki chegava para um Simpósio sobre Petróleo Internacional organizado na City, negando que o Brasil tivesse qualquer dificuldade em pagar os seus fornecedores de combustíveis, os rumores continuavam circulando e o jornal Guardian previa uma resistência ao acordo com o Fundo Monetário e uma provável greve geral — que evidentemente seria chefiada por Luís Inácio Lula da Silva.

Dizia-se nos meios diplomáticos e financeiros que ministros militares (Délio Jardim de Matos e Maximiano da Fonseca eram citados) pediam ao presidente João Baptista Figueiredo a substituição do ministro Antônio Delfim Neto e toda a sua equipe; que o escândalo das polonetas provoca reações “dignas de uma campanha de Carlos Lacerda”, segundo uma fonte; e que os próximos dias, culminando com o Dia da Pátria, serão decisivos para a preservação ou substituição dos responsáveis pela dívida externa do Brasil.

Há muitas dúvidas quanto à credibilidade da atual equipe econômica e as críticas às táticas usadas por Delfim Neto (definido por um observador como um juggler ou seja, prestidigitador) e outros têm aumentado consideravelmente na medida em que chega-se à conclusão de que o Brasil terá que partir para uma estratégia de renegociação, abandonando de vez por toda a política de expedientes e o one-man show do ministro do Planejamento.

É sintomático que ninguém discuta as dívidas externas de Israel e das Filipinas — a primeira delas muito superior à do Brasil em termos relativos — a propósito da renúncia de Menachen Beguin ou do assassinato em Manila do dirigente oposicionista Benigno Aquino, mas que haja comentários frequentes e insistentes sobre a saúde do presidente Figueiredo e sobre a capacidade do Sistema Tecnocrático-Militar de aplicar a política recomendada pelo Fundo Monetário Internacional e controlar os seus efeitos sociais.

Não há dúvida de que parte dos rumores da City são consequência do que se publica no Brasil, mas também é certo que as grandes organizações de crédito estão atentas ao que ocorre no País e têm fontes de informação próprias, enquanto o Foreign Office, neste momento, considera que os três problemas mais graves na América Latina, do ponto de vista britânico e na ordem de prioridades são os da Falklands-Malvinas, da dívida externa do Brasil e a crise da América Central.

**Hermano Alves, de Londres.**

## **Venezuela: sem solução.**

*A Venezuela registrou ontem mais um round da polêmica entre o presidente do Banco Central, Diaz Bruzual, e o ministro da Fazenda, Arturo Sosa. Num documento divulgado pela imprensa, Diaz Bruzual explica porque vem-se negando a pagar a*

*dívida externa privada com dólares preferenciais, como pretende Sosa, dentro da estratégia de renegociação da dívida de seu país. Os dois discordam quanto à fórmula de se calcular os débitos das empresas privadas no exterior.*